

## Levar Donald Trump a sério!



Por **PIETRO BASSO\***

*A América de Donald Trump não dará presentes, presumindo que o Tio Sam os tenha dado em outras épocas, com outras presidências. Semeará caos e guerra em todo mundo*

### 1.

Nos repetimos, infelizmente. Mas parece indispensável porque nem mesmo a última conferência de imprensa de Donald Trump, mesmo que assim explícita, está sendo levada verdadeiramente a sério. O histrionismo levado ao extremo deste grande-homem-lixo pode ser enganoso. Mas é o caso de ter em mente outro ilimitado histrionismo, o raciocinante “delirar” de um Hitler (ou de um Mussolini – consideradas as devidas proporções) para perceber que em tempos de aproximação de uma nova guerra global, tais são os nossos tempos, o recurso à propaganda da necessidade do confronto, da guerra sem limites e sem regras aos próprios inimigos, é – para a classe dominante dos países imperialistas – essencial.

Em tempos como esses se trata, afinal, de lançar grandes massas de explorados e oprimidos em confrontos nos quais poderão perder tudo o que lhes é caro, no interesse dos seus exploradores e opressores. Se trata de motivá-los (não só os forçar) a aceitarem cada tipo de sacrifício, a semear morte e destruição contra si mesmos, a se tornarem corresponsáveis de um terrível homicídio-suicídio de massa.

Por isso é indispensável, para melhor mascarar o real conteúdo dos confrontos em preparação, recorrer à demagogia, à mentira, à despudorada manipulação da realidade, à exaltação dos mitos identitários, a uma Tradição – verdadeira ou falsa – feita de glórias, à promessa de grandeza/glória futura (o obsessivo *again trumpiano*), ao racismo exibido e reivindicado, à “ máscula ” necessidade da força, da violência, da brutalidade, inclusa a brutalidade mais gratuita, com a solicitação de devoção aos líderes carismáticos, e a fidelidade à disciplina, hierarquia, pátria e família como eternas forças naturais e vitais. Em meio a cenas desse gênero, nas quais se misturam até confundir-se entre eles o ridículo e o trágico, alguém como Donald Trump se sai muito bem.

Mas afinal, o que disse de tão irracional Donald Trump?

Para recuperar o terreno perdido ao longo dos decênios na produção direta do valor, os Estados Unidos teriam necessidade de incorporar, como um estado seu, o Canadá, e tratar o México como uma colônia, também para impedir a ambos de serem – como em parte são – plataformas hóspedes da produção de valor de capital chinês. Para enfrentar o semi-monopólio das terras raras hoje pertencente à China e impor o próprio controle sobre novas rotas de navegação que a iminente catástrofe ecológica está criando, a anexação da Groelândia seria um verdadeiro golpe de mestre.

Para relançar a indústria bélica estadunidense, aquela tradicional e aquela nova (das redes informáticas e espacial), seria necessário que os aliados multiplicassem as compras às empresas estadunidenses – imediatamente, sem exceções. Ele não

disse, mas sabe perfeitamente (junto com todo o seu séquito de conselheiros e colaboradores): tudo isso é indispensável para evitar que explodam de modo incontrollável sobre o território estadunidense as contradições de classe, de raça, de gênero, territoriais, de valores, que nos últimos anos deram corpo à retomada das greves operárias, à chama do movimento das mulheres *Feminismo para os 99%*, ao movimento (não apenas negro) *Black Lives Matter*, à múltiplos impulsos autonomistas e guerras culturais. Na ocasião, a promessa de levar adiante a “maior deportação” de imigrantes *undocumented* (indocumentados) da história americana, ficou à sombra, mas foi a tal ponto o cavalo de batalha da sua campanha eleitoral que não foi necessário reiterá-la novamente, especialmente na ocasião em que se dirigia ao mundo externo.

## 2.

Este é um programa perfeitamente racional para “tornar novamente grande a América”, revertendo seu longo declínio de potência hegemônica. Falamos, bem entendido, da “racionalidade” própria de um sistema capitalista cada vez mais intrinsecamente irracional, que só pode sobreviver ao exaurimento da sua função histórica somente produzindo violência e devastação em escala planetária, com o único fim de preservar a busca do lucro como lei reguladora da reprodução social e da relação com a natureza não humana.

Não importa se Donald Trump tenha ou não conhecimento pessoal disso; com certeza absorveu a lição do historiador Paul Kennedy exposta em *Ascensão e declínio das Grandes Potências*: na história a vitalidade produtiva é via de regra fator fundamental na ascensão das grandes potências, onde a consolidação de interesses econômicos e territoriais excessivamente difusos, com o relativo compromisso diplomático-militar para protegê-los, acaba com o tempo por erodir, minar a vitalidade produtiva que esteve na origem do poder: “o bem-estar econômico não se traduz sempre e imediatamente em eficiência militar, pois esta depende de muitos outros fatores, da geografia à moral nacional, à competência tática e de comando. No entanto, permanece o fato de que todas as principais mudanças dos equilíbrios militares e de poder no mundo tinham por trás alterações nos equilíbrios produtivos; e que, além disso, a ascensão e a queda dos vários impérios e estados no sistema internacional foi confirmada pelos êxitos nas principais guerras entre as grandes potências, nas quais a vitória sempre foi para quem tinha maiores recursos materiais”.

O crônico - e gigantesco - déficit comercial dos Estados Unidos, a sua persistência após a adoção das políticas protecionistas do último decênio, e o paralelo déficit da balança de pagamentos, frente a uma situação especulativa do inimigo estratégico que é a China que já dura vinte anos, configuram que o “risco existencial” de não ser mais “great”, superpotência, o qual a classe dominante estadunidense quer afastar de si. Tanto através dos democratas quanto através dos republicanos.

Igualmente racional é a forma “provocativa” com a qual Donald Trump expôs o seu programa, que imitou a apresentação do “novo mapa do Oriente Médio” sem a Palestina, feita por Netanyahu em outubro de 2023 na Assembleia da ONU. Em ambos os casos a mensagem é: o faremos, custe o que custar, vocês devem lidar com isso, nós temos a força para fazê-lo. A capacidade intimidadora de um tal discurso reside no simples fato dele ser feito. Ai de quem subestimar que, especialmente em tempos de guerra, a propaganda é uma parte integrante, e de primeira relevância, da política. Influencia fortemente as massas, e também o mais duro dos inimigos-irmãos capitalistas.

Expusemos em outros textos a nossa posição: o retorno à hegemonia estadunidense sobre o mundo é impossível; também colocamos à luz como as receitas do tipo protecionista lançadas por Trump-1 não foram coroadas de sucesso. Mas o imperialismo estadunidense não pretende de modo algum renunciar ao seu domínio sobre o mundo, escapando à regularidade histórica antes reclamada. Pelo contrário. Trump-2 está determinado a radicalizar as guerras comerciais em curso com adversários e aliados, e a recorrer a intervenção militar onde for necessário (ameaçou fazê-lo também em

relação à Rússia, caso essa não aceite as suas propostas de “paz”).

Em torno de tal perspectiva conseguiu aglutinar uma parte muito maior da classe dominante do que em 2016. Donald Trump dispõe agora de maioria no Senado, na Câmara, na Suprema Corte. Se faz forte também com o duríssimo golpe imposto à União Europeia por seu antecessor Joe Biden, com a ruptura quase completa das relações econômico-diplomáticas entre União Europeia e Rússia.

### 3.

No que se refere aos aliados, os Estados Unidos certamente, por meio de métodos brutais (a guerra provocada na Ucrânia, a destruição do North Stream), recuperou pontos. E agora Donald Trump está pronto para enfrentá-los e colocar a União Europeia em dificuldades ainda maiores e atacar à China e seus aliados com uma União Europeia o mais possível alinhada – o que não é simples, visto que um tal alinhamento traz para a Alemanha e a França o risco de uma profunda desestabilização social e política, ademais já iniciada. A “soberanista” Giulia Meloni já se disse pronta, esperando lucrar com os interesses que a Grã-Bretanha do *Brexit*, seis anos após a aposta, não viu nem com o telescópio dos desejos.

A América de Donald Trump não dará presentes, presumindo que o Tio Sam os tenha dado em outras épocas, com outras presidências. Semeará caos e guerra em todo mundo. Caos econômico e social também nos países aliados, se for verdade que as novas taxas, além da China como primeiro alvo, atingirão empresas e países europeus. Caos econômico e feroz reação política antioperária e antipopular nos países da América do Sul, para os quais foi indicado o modelo de Javier Milei.

E, quanto ao semeio de guerra, basta por agora a intimidação de gangsters dirigida ao Hamas e aos palestinos se não forem liberados os reféns israelitas, e aquelas dirigidas a países amigos desobedientes (Dinamarca, Panamá, México). Naturalmente, por trás de tudo, está a intensificação da preparação para o confronto bélico com a China. Enquanto a China, por sua vez, busca por todos os meios ganhar tempo, para se colocar em grau de contrapor os EUA sobre seu próprio terreno.

Para agora, basta reafirmar que é preciso levar Trump a sério.

**\*Pietro Basso** é professor aposentado de sociologia da Universidade Ca’Foscari de Veneza.

Tradução: **Mauro Tilton**.

Publicado originalmente em [Il Pungolrosso, Giornale internazionalista](#).

#### Referências

<https://pungolrosso.com/2024/11/07/la-sola-cosa-grande-che-puo-fare-lamerika-di-trump-e-seminare-altro-caos-e-guerra-ne-l-mondo-intero/>

<https://pungolrosso.com/2024/12/16/il-ritorno-di-trump-guerra-commerciale-e-guerra-militare/>

<https://pungolrosso.com/2024/12/22/la-guerra-di-trump-agli-immigrati/>

<https://pungolorosso.com/2025/01/08/luragano-trump-si-abbatte-sulla-salute-dei-proletari-americiani/>

**A Terra é Redonda** existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

**CONTRIBUA**

A Terra é Redonda